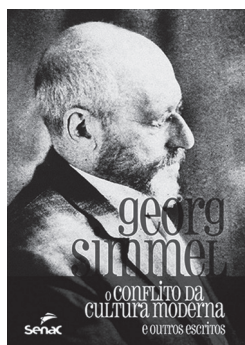


MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia
ISSN 2318-0811
Volume II, Número 2 (Edição 4) Julho-Dezembro 2014: 727-730



O Conflito na Cultura Moderna e Outros Escritos

Georg Simmel

Organização de Arthur Bueno

São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. (188 páginas)

ISBN: 9788539603954

Georg Simmel (1858-1918) compõe, ao lado de Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920), o cânone fundador da Sociologia alemã. Embora seja menos celebrado que os outros dois autores, sua obra influenciou pensadores importantes como Walter Benjamin (1892-1940), György Lukács (1885-1971), Norbert Elias (1907-1990), Theodor Adorno (1903-1969), e Zygmunt Bauman (1925-). Além de ter contribuído para os campos da sociologia urbana, da sociologia econômica e da sociologia da cultura, Simmel foi pioneiro no estudo de vários temas por muito tempo considerados heterodoxos nas ciências sociais: a prostituição, o casamento, as exposições de arte, a alimentação, a experiência do aventureiro, as sociedades secretas, entre outros.

Anti-sistemático, Simmel escreve de forma ensaística para expressar o caráter fluido e contingente da própria modernidade. Se esta se caracteriza “por uma libertação dos conteúdos e resultados, do que é fixo e sólido”, e pela “mobilidade do espírito”, logo é preciso encontrar um estilo que acompanhe essa “possibilidade dos mais díspares conteúdos”¹. Além disso, do ponto de vista metodológico, Simmel trabalha com um conceito de *indivíduo* extremamente forte: este não se dissolve no social, permanecendo sempre senhor de si; é um “sujeito autônomo e livre, que pode percorrer tantos caminhos quanto sua exigência, voracidade e multidirecionalidade propiciarem”².

Uma boa introdução para uma obra tão vasta quanto heterogênea é a coletânea *O Conflito da Cultura Moderna e Outros Escritos*, organizada por Arthur Bueno, doutorando em Sociologia pela USP, que também escreveu um longo posfácio no qual analisa os ensaios compilados. Pretendo desenvolver, ainda que de forma sucinta, um esforço semelhante nesta resenha; para isso, aceito a proposta de Bueno de dividir os ensaios em três eixos temáticos: 1) a “*compreensão e crítica da cultura moderna*”; 2) “*os efeitos psicológicos do dinheiro numa economia monetária*”; e 3) “*o sentido social e psicológico de certos fenômenos de sua época ligados ao âmbito das diversões, do lazer, do entretenimento e da experiência estética*”³.

Sobre a primeira temática, o ensaio *Da essência da cultura* (1908) oferece um tratamento sintético e elucidativo. Simmel define por cultura as manifestações intensificadas de vitalidade natural e potencial, cujo nível de plenitude, desenvolvimento e diferenciação vai além do que seria alcançado pela sua natureza simples; em outras palavras, são as formas intelectualizadas da vida. Vista pelo autor como um processo teleológico, a cultura é o caminho que sai da unidade fechada, passa pela pluralidade desenvolvida e chega à unidade desenvolvida.

A cultura também é associada ao cultivo, isto é, ao processo de aperfeiçoamento no

¹ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 23-24.

² Idem. *Ibidem*, p. 25.

³ BUENO, Arthur. Simmel e os paradoxos da cultura moderna. In: SIMMEL, Georg. *O Conflito da cultura moderna e outros escritos*. Org. Arthur Bueno; trad. Laura Rivas Gagliardi. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. p. 145-146.

qual o indivíduo desenvolve suas potências latentes incorporando algo que é externo a ele. Em outras palavras, o indivíduo conduz a sua alma no caminho de uma existência mais elevada através de um processo de elaboração, crescimento e consumação por meio dos objetos “cultivados” e cultivadores⁴. Segundo Simmel, um ser humano só pode ser considerado cultivado se a passagem pela cultura objetiva lhe tiver permitido educar sua alma a um ponto tal de perfeição que ele jamais poderia ter atingido se tivesse sido abandonado a si próprio.

Para Simmel, uma genuína formação cultural (*Bildung*⁵) passa por um aperfeiçoamento permanente, por um auto-cultivo; é preciso moldar uma subjetividade porosa, capaz de absorver os produtos da tradição cultural de forma a fortalecer as tendências essenciais e fundamentais da personalidade. O que este processo de amadurecimento busca, portanto, é uma “versão mais sofisticada de si mesmo”: a característica interior é aprimorada pelo contato com a experiência.

Simmel, entretanto, alega que as grandes realizações no mundo objetivo (arte, moral, ciência e economia) não necessariamente implicam em cultura; isto é, nem sempre elas são significativas para o desenvolvimento do sujeito. Isso ocorre porque as obras e pensamentos mais impressionantes “são demasiados senhores no interior de sua província para se submeter à categoria de servir” como meio para “o desenvolvimento de muitas almas individuais”⁶. Para o autor, “a especialização ainda não é cultura”, que “só surge quando aquelas perfeições unilaterais se adaptam à [estrutural]

total da alma”⁷ – em outras palavras, quando geram equilíbrio e harmonia entre as partes discordantes, um vínculo entre o interno e o externo.

A partir da segunda metade do século XIX, houve uma aceleração e intensificação das transformações sociais iniciadas gradualmente nos três séculos anteriores. A principal consequência dessas mudanças para a “vida do espírito” foi o crescente descompasso entre a hipertrofia e autonomia da cultura objetiva e a incapacidade da cultura subjetiva em absorver a cada vez maior extensão do domínio objetivo das coisas; ou seja, na modernidade se perderam as condições sociais adequadas para o aperfeiçoamento do indivíduo através das experiências e produtos culturais. Nas palavras do próprio autor: “*embora as coisas se tornem cada vez mais cultivadas, os homens somente num grau menor estão em condições de extrair, a partir da consumação dos objetos, uma consumação da vida subjetiva*”⁸.

Os desdobramentos dessa crise da cultura moderna são discutidos em três outros ensaios. O primeiro deles, *O futuro de nossa cultura* (1909), rechaça a idéia – aliás, bastante comum na Alemanha bismarckiana – de que uma política cultural organizada e aplicada pelo Estado seria a panacéia para os impasses culturais. Simmel enfatiza a dimensão subjetiva do problema: “a educação dos indivíduos” precisa torná-los capacitados para a

apropriação e a elaboração dos valores culturais do presente, políticos e artísticos, éticos e científicos, para a compreensão do nosso espírito cultural, cristalizado nas nossas leis, na literatura, nas visões de mundo conflitantes⁹.

No ensaio *A crise da cultura* (1917), Simmel observa uma reversão a essa tendência de “retardo do aperfeiçoamento das pessoas em relação ao das coisas”¹⁰ por um motivo descon-

⁴ SIMMEL. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. p. 85-86.

⁵ *Bildung* é um conceito da tradição filosófica alemã que evoca à idéia de uma formação integral e harmônica do ser humano. Este processo de autoaperfeiçoamento do indivíduo envolve uma atividade espontânea do *self* para aprimorar suas aptidões e faculdades, mas também passa por uma absorção criativa da tradição cultural e da experiência comunitária.

⁶ SIMMEL. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. p. 84-85.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 82-83.

⁸ Idem. *Ibidem*, p. 87.

⁹ Idem. *Ibidem*, p. 92-93.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, p. 104.

certante: a guerra (mais especificamente a I Guerra Mundial, iniciada em 1914). O conflito bélico permitia, segundo o autor, uma unidade engendrada pela “*elevação e o excitamento inauditos da vida em cada um de nós*”; com isso, a crise crônica da cultura moderna, marcada pelo “*caos de singularidades desvinculadas, destituídas de qualquer estilo comum*”¹¹, seria temporariamente atenuada. Ao colocar a guerra como parte da “luta da vida” contra as formas antigas e decadentes que tentavam contê-la, Simmel revela certa influência do pensamento vitalista de Friedrich Nietzsche (1844-1900)¹².

O ensaio *O conflito da cultura moderna* (1918), que dá título a esta coletânea, foi um dos últimos de Simmel, sendo também um dos melhores deste autor. Nele é apresentada a tese – vitalista, diga-se de passagem – de que a vida é “*inquietação, desenvolvimento e fluxo contínuo*”, mas para se expressar precisa ser cristalizada em formas, alcançando assim “*uma validade para além do transitório, emancipada da pulsação da própria vida*”¹³. Eis uma situação paradoxal: “*a vida está intrinsecamente condenada a se realizar apenas em seu contraponto*”¹⁴.

Em seu contexto histórico, Simmel verificou uma alteração nessa dinâmica: se até então as mudanças culturais sempre se davam na substituição de uma forma antiga por uma nova (por exemplo, da ideia de Deus na Idade Média para a ideia de natureza secular no Renascimento), o antagonismo passou a se direcionar contra o próprio princípio de forma. Um dos exemplos citados pelo autor é o movimento filosófico do pragmatismo¹⁵, segundo

o qual não existe “*uma verdade independente de antemão*”, pois é “*a própria vida que, ora segundo suas grosseiras utilidades, ora segundo suas necessidades anímicas mais profundas, produz essa ordenação de valores em nossas representações*”¹⁶. Simmel, todavia, afirma que esse combate às formas está fadado ao fracasso: por mais que se queira mostrar a vida em sua imediatidade nua, o ato de conhecer, querer e formar “*pode apenas substituir uma forma pela outra, mas nunca a forma em geral pela vida mesma, como algo que está além da forma*”¹⁷.

Sobre o tema do dinheiro, Georg Simmel oferece considerações que podem ser comparadas às da Escola Austríaca. Este sociólogo rejeita a teoria marxista do valor objetivo do trabalho em prol de uma abordagem próxima à “marginalista”, na medida em que este autor reconhece a dimensão subjetiva e contingente do valor. Exemplo dessa aproximação é o ensaio *Para a psicologia do dinheiro* (1889), no qual o autor se debruça sobre os efeitos cognitivos e os impactos sociológicos desse meio de troca. Para Simmel, “*o dinheiro na forma do concreto é a mais alta abstração a que a razão prática ascendeu*”¹⁸. Além disso, o caráter impessoal do dinheiro enquanto meio de troca universal permite a “*redução de todos os valores ao dinheiro*”; sendo assim, ele é o “*absolutamente objetivo, no qual tudo o que é pessoal cessa*”¹⁹.

Esta discussão é aprofundada em *O dinheiro na cultura moderna* (1896), em que Simmel analisa os efeitos paradoxais do meio monetário: se por um lado o dinheiro institui uma liberdade negativa ao tornar o homem moderno menos preso aos laços comunitários, por outro ele cria uma “colonização dos fins pelos meios”: ou seja, ele se torna a “*meta incondicional que pode em princípio ser almejada a todo instante*”, alimentando assim a “*enorme*

¹¹ Idem. *Ibidem*, p. 115.

¹² Sobre a corrente filosófica do vitalismo, recomendo: STJERNFELT, Frederick. “A vida em si – filosofia da vida e conservadorismo”. In: *Literatura e crítica*. Org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Schöllhammer. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 49-64.

¹³ SIMMEL. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. p. 120-121.

¹⁴ BUENO. In: SIMMEL. *Ibidem*, p. 176.

¹⁵ Dentre os principais representantes do pragmatismo podem ser citados Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952).

¹⁶ SIMMEL. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. p. 135.

¹⁷ Idem. *Ibidem*, p. 140.

¹⁸ Idem. *Ibidem*, p. 27.

¹⁹ Idem. *Ibidem*, p. 21-22.

demanda de felicidade do homem moderno"²⁰. O dinheiro, contudo, não passa de um meio; sua incapacidade de satisfazer essa "cobiça" leva a uma desolação do indivíduo, explicitada no "tédio" das classes superiores.

A construção social dessa associação do bem-estar pessoal com a posse de certa soma de dinheiro também foi atenuada com a I Guerra, como Simmel procura demonstrar no ensaio *Dinheiro e alimentação* (1915). A necessidade de racionar alimentos transformou, ainda que temporariamente, a função social predominante do dinheiro: se antes do conflito a posse de meios monetários era a principal meta da maioria das pessoas, os objetos de consumo (principalmente os gêneros alimentícios), cada vez mais escassos, passaram a ser objeto primordial de economia.

O terceiro eixo temático – isto é, a análise do valor cultural de certas experiências estéticas e formas de entretenimento – está presente nos quatro demais ensaios. Em *Infelices possidentes!* (1893), as casas de diversão de Berlim são palco de divertimentos que atacam os sentidos e geram "a mais fantástica embriaguez, o mais deslumbrante efeito"²¹; porém, um olhar sociólogo revela uma dimensão trágica: a agitação da vida moderna – por exemplo, nas exaustivas jornadas de trabalho – tem como reflexo psicológico o caráter *blasé*: a superexcitação da vida moderna leva o indivíduo a perder a vivacidade e a disposição para lidar com o mundo.

Em *Sobre as exposições de arte* (1890) e *Exposição industrial de Berlim* (1896), Simmel novamente detecta este embotamento do espírito e a subsequente "sede de excitações cada vez maiores e mais vibrantes"²². Nas exposições de

arte, a especialização e diversificação dos objetos artísticos impedem o entendimento profundo de cada um dos elementos individuais. Já na exposição industrial, para provocar o interesse dos consumidores, os expositores buscavam não apenas mostrar a funcionalidade dos objetos, mas também o encanto externo e a maneira em que são dispostos. Em ambos os casos, a quantidade de estímulos "pode ser sentida por aquele que as frequenta como uma violência infligida à sua sensibilidade", a qual se vê "aturdida pela abundância e a vivacidade de impressões velozes"²³.

Por fim, o ensaio *Viagem aos Alpes* (1895) possui uma temática que curiosamente se assemelha à do romance *A Montanha Mágica* (1924), de Thomas Mann (1875-1955). Em ambos se discute qual o ganho cultural, a *Bildung* que se pode extrair de uma estadia nesta região montanhosa. No caso do romance de Mann, o protagonista Hans Castorp, em meio a um sanatório para tuberculosos, desenvolve seu auto-aperfeiçoamento de forma inconsistente, alternando momentos de aprendizado moral e estético com outros de lassidão e simpatia pelo abismo; por sua vez, o ensaio de Georg Simmel chega à conclusão de que o alpinismo não fornece tantos valores educativos e éticos como se costumava alegar: "persiste o caráter antiético do risco de vida em nome de um mero gozo, [...] de excitações e satisfações puramente subjetivas"²⁴.

Com diversidade temática e reflexões inquietantes, os ensaios de Simmel em *O Conflito da Cultura Moderna e Outros Escritos* permitem uma melhor compreensão de questões sociológicas, culturais e econômicas que permanecem relevantes. ∞

²⁰ Idem. *Ibidem*, p. 62-64.

²¹ Idem. *Ibidem*, p. 42.

²² Idem. *Ibidem*, p. 32.

²³ BUENO. In: SIMMEL. *Ibidem*, p. 165.

²⁴ SIMMEL. *Ibidem*, p. 49.

Kaio Felipe

Doutorando em Sociologia (IESP-UERJ)
Doutorando em História Social (PUC-Rio)
kaiofelipe@gmail.com